



Acervo Ponto de Memória Espanha (2011)
Ficha técnica entrevista Marcia
Traducción al español/ portugués: Elisa Duarte
Revisión: Juan Antonio Peláez

Certo. Em espanhol me apresento, certo? Logo, tentaremos voltar a falar em português. Chamo-me Marcia Suárez Pena, nasci no Rio de Janeiro, filha de pais galegos e vivo há mais de vinte anos em Salamanca e sou arquiteta. Não sei o quê mais você quer que eu te conte.

Minha família de origem, são todos galegos de Santiago de Compostela e são pessoas que viveram e amaram o Brasil, principalmente, a minha mãe que é uma fanática e fã do Brasil em todos os sentidos. Porque, claro, saiu de uma Galiza do pós-guerra e chegaram ao Brasil com todo seu esplendor, pois, para ela foi muito gratificante.

Na Espanha? Pois na Espanha... A princípio, vim em 92. Fui diretamente a Barcelona, porque fiz um trabalho na faculdade de arquitetura e me apaixonei por Gaudí, e fui fazer o doutorado em Barcelona e, ao mesmo tempo, tive a sorte de trabalhar na época para as Olimpíadas de Barcelona. E vivi ali uns três anos, até que me apaixonei por um salmantino e vim viver em Salamanca.

Bom, nós... A verdade, é que não foi algo traumático, nem muito menos, porque, claro, minha cultura era dupla, tudo o que vivi ali no Brasil, com o tema da infância, a diversão, o clima e as pessoas que são muito alegres e tal, mas todos os anos nós vínhamos a Espanha, porque as férias dos espanhóis é voltar a sua terra e sempre ao mesmo lugar, Galiza: Rio - Galiza. Bom,



uma vez aqui, dávamos uma volta pelo país; então, eu... Ir a Barcelona... Eu ganhei da minha mãe, porque ela queria que eu fosse a Galiza, mas eu, como estava apaixonada por Gaudí, pois, fui fazer diretamente o doutorado e trabalhar em Barcelona.

Eu... Barcelona... É verdade que, no Brasil, já trabalhava, já colaborava com uma empresa que tinha trabalho aqui, era metade Brasil, metade Barcelona. Então, não fui, assim, às cegas, a Barcelona... Além de que eu já havia acordado, através das universidades, o doutorado na Politécnica de Barcelona. Então, pois, mais ou menos, já tinha esquematizado. Eu era muito organizada nesse sentido. E, logo, sim, em Barcelona, pois, a verdade é que tem que *parlar una miqueta en català*, então, pois, via muito televisão. Logo, fiz um curso com estágio. É verdade que na faculdade as aulas do doutorado eram ministradas em catalão. E, então, tive que estudar também catalão. E, bom, Barcelona é uma cidade, não é necessário que eu diga, preciosa, cosmopolita, é uma cidade que a nível urbanístico é uma das melhores planejadas a nível europeu. Não vou te dar aqui uma descrição técnica, mas, bom, então, era feliz porque estava fazendo o que queria. É verdade que a cátedra do que eu queria, de Gaudí, me decepcionou a nível técnico, mas, a cidade e tudo o demais, bem. *Hombre...* é verdade que também a nível profissional são muito exigentes, e ali, praticamente, você vive para trabalhar. Não havia tempo, é distinta a forma de vida na Catalunha ou em Barcelona, onde vivi.

Barcelona, como te digo... Como já trabalhava e colaborava numa empresa, pois havia uma arquiteta amiga que, entre ela e o chefe, pois vim diretamente ao apartamento que eles tinham, e a empresa também, então, claro, não vim às cegas, vim com algo já combinado.



E esta viagem, como foi o que você fez sozinha para vir a Barcelona? Você se lembra?

Eu era muito independente nessa época, tinha uma valentia... A verdade é que agora, por exemplo, com o passar dos anos, como que te dá um pouco mais de medo as aventuras. De fato, agora, como arquiteta, que Salamanca ou as cidades da Espanha, ou Europa em si, temos esta crise, e todo mundo me pergunta "por que você não volta para o Brasil?", e tal. O que acontece é que, claro, por temas pessoais não posso voltar. Porque vivi com alegria porque, ao mesmo tempo, ia fazendo o que mais gostava, que era trabalhar e conhecer a obra de um gênio para mim e todo o contexto dele, o que significa Gaudí, claro...

Ai... Claro, isso também depende do caráter da pessoa, não? Eu como sou muito aberta, é verdade que sempre tive que lutar, que demonstrar muito mais, de repente, do que alguém daqui. Além de que, porque eu fiquei no limbo, ou seja, nem sou brasileira 100%, também não sou espanhola 100%... Tenho... Como se fosse... *eh...* Essa palavra sai melhor em português, *ventaja*, vantagem, não? Que é ter vivido dois mundos, ter vivido com umas pessoas no Brasil, a verdade é que estupendas, que as pessoas são abertas e também, na Espanha também, vivi com umas pessoas que me deram certa bagagem, a nível humano e profissional. Então, tenho um pouco de cada lugar, tenho a riqueza de ter vivido em dois mundos: são distintos, mas, ao mesmo tempo, se parecem, não? No sentido, por exemplo, de que as pessoas... É verdade que as pessoas aqui, apesar de que as pessoas dizem que são mais fechadas e tal, mas meus melhores amigos estão em Salamanca. Ou seja, este handicap que as pessoas põem, porque "os brasileiros"... Sim, sim, os brasileiros são todos simpáticos e somos todos muito



abertos, mas também existem espanhóis muito simpáticos e muito abertos. E ali também tem gente, que sabemos que não são tão simpáticos e nem tão abertos, e aqui, a mesma coisa. Então, pois, tive a grande sorte de viver nessas duas, nesses dois países.

Sessão 2.

Sí, recuerdo la fecha, fue en la época de la Olimpiadas, en 92.

Pero, ¿el día, no te acuerdas?

Ay, no...

Y el día que vienes a Salamanca, ¿te acuerdas?

Ah, eso sí... Eso sí, porque hacía un frío tremendo. Yo salí de Barcelona que hacía, normalmente, el frío de Barcelona no baja de 15 grados, es más humedad y tal, pero Salamanca, yo recuerdo, y hace veintitantos años, nevaba, era enero, y hacía menos 4 grados. Imagínate: una carioca, 30 grados, después, va a Barcelona. Yo ya llevaba casi tres años en Barcelona haciendo el doctorado, con un clima más ameno, y viene a Salamanca, por amor, realmente. El amor es una cosa tremenda, la neurona, yo creo que la dejé apartada, y Salamanca era, para mí, yo no veía Salamanca, yo veía la persona que estaba allá. Y después yo me enamoré de Salamanca. Curioso, yo llevo veintitantos años en Salamanca, la persona ya no existe, pero



Salamanca está en mi corazón. En Salamanca, yo aprendí a conocer, porque todo el mundo dice que el salmantino es muy serio, muy seco, y realmente es muy diferente la forma de expresarse, vamos a decirlo así, de la gente de Brasil. Pero, en general, cuando haces una amistad, creo que es para toda la vida. Son personas a las que te cuesta entrarles, también es verdad, son muy cerrados en ese sentido, pero una vez que has entrado, sobre todo si has entrado en un grupo, de un tema, en ese caso, profesional, como arquitecta, al principio también tienes que demostrar el doble. A parte, nosotras, como mujer también tienes un hándicap: por ser mujer, tienes que demostrar dos veces que vales, y más en mi caso, que yo venía de fuera, tuve que convalidar el título... Y Salamanca fue un choque que yo recuerdo, que fue un frío tremendo, y después el frío se fue amainando, y después también ya me integré en Salamanca... Lo que es la parte de arquitectura del casco antiguo, yo soy una enamorada: la Catedral, la Casa de las Conchas, de hecho, cada vez que voy de paseo, hago fotos y para el *facebook*...

Entonces, llegaste a Salamanca en enero de 95?

No... Más o menos... Creo que fue por ahí, las fechas bailan un poco pero creo que fue por ahí...

Y cuando vas a Brasil, ¿a dónde vas? ¿Vas a Río?

Voy directamente a Río de Janeiro. De hecho, yo tengo familia en Belo Horizonte, que es la hermana de mi madre y mis primos, que nos criamos juntos, que yo te conté que subíamos en los árboles frutales, que fue una infancia divertidísima. Nos



hemos juntado ahora, hace poco tiempo, y realmente, somos tres primos, y es una fiesta tremenda, porque nosotros, parece que somos pequeños otra vez. Yo, con cuarenta y tantos, y ellos también, pero es como si nosotros reviviésemos aquella época; pero no es igual... Porque, realmente, Belo Horizonte no tiene nada que ver con Río de Janeiro. Disculpas a la gente de Belo Horizonte, pero Río de Janeiro es Río de Janeiro.

¿Y cómo te sientes en Río?

Es diferente. Es diferente. Realmente, yo creo que la vida de la gente, no... Río de Janeiro sigue siendo lindo, maravilloso... Pero, sabemos, tiene un problema gordo, que eran las montañas que veíamos siempre verdes, llenas de pájaros, y ahora ves ya la inseguridad. Es verdad que este año, están controlándolo bastante por el tema de las Olimpiadas. Yo fui, hace nada, hace un mes o así, y realmente se sentía un poquito más de seguridad, ¿no? Porque la gente está, la policía está en las calles, y la gente tiene una mentalidad de que tiene la posibilidad ahora de desarrollarse. Pero, está fallando lo que está fallando en el mundo entero: la corrupción, es... Los políticos... Ves las noticias de Brasil, y ves las noticias de España, y ves las noticias de Grecia, y de Italia, es todo igual... O sea, ¿qué falla? Falla la política. Da igual el partido que sea. Yo llego a la conclusión, viendo las noticias a nivel europeo, a nivel Brasil... Es el ser humano, no termina de avanzar en ese sentido. Yo aquí, es como la selva, llegué allí comí toda la carne y después no pienso en la gente que está al lado. Y eso es contraproducente, la gente no termina de ver que no se puede tan allí encima. Yo vivo en mi torre, y aquí abajo, me da igual quien esté pasando hambre. No es que sea hipócrita, ni nada de eso: es una cuestión de que yo creo que falla en ese sistema. Efectivamente, es el sistema



que falla. Lo que todo el mundo está diciendo. No podemos seguir de esa forma. No funciona el comunismo, porque nunca ha funcionado, y no funciona ese capitalismo duro, pues la gente tiene que volver, que intentar encauzar, a nivel mundial, no es Brasil, no es España. Infelizmente, creo que es una situación que cada uno tiene que hacer un poquito lo que puede, intentar salir adelante, sin molestar al de al lado. Esa es la gran verdad. Y la violencia no genera nada bueno, porque si no, Río sería el paraíso, que si no fuera ese tema sería el paraíso.

En algún momento, ahora o en el futuro, ¿piensas en volver definitivamente a Brasil?

Es, no me veo. No lo veo porque Brasil, el Brasil que yo viví, mis amigos ya tienen su vida formada, ya no es lo mismo. Yo creo que es la circunstancia que viviste. Si tuviera, tal vez, a mi familia allí, podía ser. Yo sé que hay brasileños aquí que tienen la familia allí, ahí, es lógico que quieran volver, tal vez... ¿no?, porque realmente, es diferente. En mi caso es diferente porque yo sólo tengo a mi madre y mi hermano, y una está en Galicia, y el otro en Barcelona. No descarto nada porque la vida, realmente, es una caja de sorpresas, yo me dejo llevar. Ahora, estoy un poco más, estoy intentando controlar mi vida, pero yo realmente me fui dejando llevar.

¿Eres feliz aquí en España?

¿Cómo?

¿Eres feliz aquí en España?



Yo soy feliz aquí en España, pero con algunos momentos un poco complicados, pero sí soy feliz.

¿Y tienes saudade?

Tengo *saudade*, pero yo tengo *saudade* de la época en que viví, ¿no? Tengo *saudade* de mi infancia, tengo *saudade* de mi juventud, tengo *saudade* de mis amigos, de mis primos cuando ellos eran pequeños, ahora ya son grandes, tienen hijos, no es la misma cosa. Tengo *saudade* de la época en que yo viví.

Sim, sim; agora vou falar em espanhol, certo? Porque agora a situação que a Espanha está passando... Eu vivi o melhor. Quando fui embora do Brasil, as pessoas que estão indo da Espanha, pessoas com muitos estudos que, infelizmente, não se valoriza, que pagam mal, quando se paga, quando respondem de um currículo. É frustrante que já não só não possa estudar, e o que você estudou toda a vida, ou o que você gosta, mas é que, além disso, se vê que não há saída e que você tem que ir porque tem que ir. Porque aqui não há forma de subsistir. Você tem que voltar para a casa dos seus pais, que também é triste, não? Então, a estas pessoas que estão indo, a única coisa que diria é que antes de ir a qualquer país, que olhe bem antes de ir; que vá, que se informem no ministério, que se informem; que agora com internet é bem mais fácil; que olhem nas câmaras de comércio, principalmente pelo tema da titulação; que não saiam desembestados, que olhem um pouco também para onde vão que, mais ou menos, o sistema que tenha certa seguridade, por exemplo, isso é o que eu mais gostaria de deixar como mensagem, principalmente, e que tampouco tenham medo de ir embora, porque é uma experiência enriquecedora. É verdade que tem momentos duros, também é verdade que tem uns momentos de felicidade tremenda,



quando você termina uma etapa e diz "Nossa, pois consegui revalidar". Custa. A mim custou um cólon irritável, mas tem a superação como pessoa, ou seja, que não tenham medo, mas isso sim, que não sejam temerários e que olhem bem para onde vão e que, principalmente, que tenham capacidade de retorno. O que eu te contava como os imigrantes que se foram desembestados, como estão indo agora, e que, de repente, chegam ali... nossa, não têm a possibilidade de voltar. Principalmente, também, que para onde forem que tenha um órgão oficial da Espanha, que possam ajudar no caso de que algo não funcione, para que possam retornar a seu país, e que exijam também, de alguma forma, um amparo, a nível estatal, porque é verdade que Brasil nesse ponto, através das Embaixadas, funciona e funcionaram muito bem, que me consta pelos brasileiros. E eu creio que, neste ponto, os espanhóis têm que ter acesso ou têm que ter uma espécie de ajuda em nível de câmara de comércio, Embaixadas, e, principalmente, que busquem os centros espanhóis que existem, tanto a nível europeu como em nível de América Latina. Na América Latina têm que ter um pouquinho mais de cuidado, mas que não tenham medo de sair e viverem umas experiências que são enriquecedoras.

Se um espanhol da área de Engenharia, de Arquitetura, diz "Quero ir para o Rio agora mesmo", mesmo que, como se diz no Brasil "se conselho fosse bom, não se dava, se vendia", que conselhos você daria a estes jovens, de 25 anos, ou os treintañeros...

Isso sim, isso também ia te dizer, para a emigração sempre há uma idade. Eu, a verdade é que para mim, já sou um pouquinho mais velha, mas as pessoas que acabam de terminar a faculdade, dos 22 até os 35 e até os 40 mesmo, eu creio



que esta idade... que vá; isso sim, vão ter que aprender o português, porque é imprescindível, mas que também podem ir com o espanhol, porque já sabe que as pessoas no Brasil entendem. Ou seja, que ali, já começam a falar em *portuñol* e logo se adapta. E que também os brasileiros, em nível de forma são hospitaleiros, são bastante abertos, né? Então, que vão. Isso sim, que tenham cuidado aonde vão, com quem vão, e principalmente, que busquem os órgãos oficiais da Espanha no Brasil, para que lhes possam assessorar de alguma forma. Mas, que vão que é uma experiência única, e nada mais, que não tenham medo. E agora, Rio, até 2016, é efervescente, há trabalho, principalmente, para engenharia, arquiteto também, mas mais engenheiros.